

Platonismo e antiplatonismo no mundo contemporâneo

Irley F. Franco¹

Resumo

O artigo procura mostrar que há, desde a antiguidade, dois tipos de investida contra Platão: a que se dirige à sua teoria dos dois mundos com divergências genuínas, e cuja origem remetemos a Aristóteles, e a que se dirige aos mais variados aspectos de seu pensamento, mas dá foco especial especial às suas concepções políticas, expressando-se com grande hostilidade, às vezes de modo malevolente, debochado contra a psicologia do próprio filósofo. Desse último tipo, destacam-se, no século XX, principalmente John Jay Chapman, Warner Fite e Karl Popper.

Palavras-chave: Platão. Platonismo. Antiplatonismo.

Abstract

This article attempts to show that there are, since Classical Antiquity, two kinds of criticism to which Plato is exposed to: one which aims at his two world theory with genuine differences, its origin dating back to Aristotle, and another one, which addresses the various aspects of his thought, but gives special focus to his political views, expressing itself with great hostility, sometimes in a malevolent way, mocking against the philosopher's own personality. In the XXth century, particularly amongst those adhering to the latter type, John Jay Chapman, Warner Fite and Karl Popper stand out.

Keywords: Plato. Platonism. Antiplatonism.

*"A calúnia é comum em toda parte"
(Platão, República, 500d).*

Ataques à filosofia de Platão sempre existiram, embora, em todas as épocas, fossem ocasionais.

Da antiguidade temos notícia de pelo menos dois tipos de investida contra Platão: havia, por um lado, a crítica de seus contemporâneos e sucessores imediatos, tais como Antístenes, Eudoxo, Aristóteles, Xenofonte, e Isócrates, que não dirigiam ataques pessoais a Platão, mas tinham com ele divergências genuínas de opinião, e, por outro, a crítica malevolente, de época mais tardia, onde destacavam-se as observações cínicas de Diógenes Laércio, o escárnio de Luciano e a bisbilhotice de Athenaeus. Na época moderna

¹Professora Doutora (PUC-RIO). Membro fundadora e, desde o segundo semestre de 2014, coordenadora do Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga da PUC-Rio, editora da revista *O que nos faz pensar* (ISSN 0104-6675). Sua publicação principal é o livro *O Sopro do Amor. Um Comentário ao Discurso de Fedro no Banquete de Platão* (2006). E-mail: iffranco@fil.puc-rio.br



encontramos uma situação paralela. Por um lado, há comentários difamatórios, como os de Bacon, Voltaire, Landor e Macaulay. Bacon difamava o que ele próprio definia como o ambicioso modo platônico de especular. Voltaire ridicularizava Platão por ter inventado o cristianismo antes mesmo de conhecê-lo. Landor compõe um diálogo imaginário no qual Platão é duramente atacado por seu antigo detrator Diógenes e acusado de quase todos os crimes que, mais tarde, se enquadrariam na lista do calendário antiplatônico. E Macaulay, em seu ensaio sobre Bacon, substitui "Verdade," "Beleza" e "Bem" por bandeiras baconianas inscritas com os lemas do progresso científico e da cura de todos os males humanos. Por outro lado, há as discordâncias de *scholars* de indubitável credibilidade, da metade e do final do século XIX, tais como George Grote e Eduard Zeller que deploravam, por exemplo, o elemento autoritário do pensamento de Platão, ou consideravam sua filosofia política distorcida em certos pontos, em virtude de preconceitos originários de sua posição social.

Todas essas investidas, como observa Levinson, jamais chegaram a representar uma verdadeira ameaça ao bom nome de Platão, pois aqueles que demonstravam grande animosidade falavam sem autoridade, enquanto críticos mais moderados, que desejavam apenas corrigir o que supunham estar errado na filosofia platônica, demonstravam profundo respeito por sua argumentação.

Além disso, contra esses críticos esporádicos, ergueram-se inúmeras vezes a voz coletiva de várias gerações de especialistas. Na Inglaterra, por exemplo, as universidades de Oxford e Cambridge esqueceram suas velhas rixas e se uniram para defender Platão. Henry More e Ralph Cudworth, dentre os platonistas de Cambridge, encontraram em Platão um meio de combater o materialismo e o egoísmo excessivos que viam na filosofia de Thomas Hobbes; em Oxford, o entusiasmo de Benjamin Jowett, para quem a verdade de Platão "apesar de não ser a nossa tem extraordinário valor e interesse para nós", bem como as suas traduções, que deram ao leitor inglês as primeiras versões atraentes dos diálogos platônicos - inspiraram toda uma geração de alunos bem dotados.

Da mesma universidade, a estética de Walter Pater, que via em Platão o verdadeiro fundador do culto à beleza e à vida harmoniosa, transformou-se numa alternativa à religião tradicional, desde a publicação, em 1884, de seu livro *Plato and Platonism*. De Spenser a Shelley toda a poesia sugere, segundo Pater, o *glamour* estético da filosofia platônica do amor e da beleza, do mesmo modo que também o sugere a ideia

de perfeição da alma humana divulgada por reformadores sociais tais como Ruskin e William Morris.

Na França, Brochard, Hamelin, Fouillée, são alguns nomes do final do século XIX que mantinham o mito de Platão intocado, e Léon Robin, no início do XX, trata a teoria platônica do eros - teoria que por sua apologia à homossexualidade masculina era recorrentemente usada para atacar Platão -, como eminentemente filosófica, em sua tese complementar de doutorado.

Nos EUA, em 1876, R. W. Emerson afirmava que Platão era nada mais nada menos que a própria filosofia: “Platão é filosofia, e a filosofia é Platão. Vêm de Platão todas as coisas que ainda são escritas e debatidas entre os homens de pensamento. Grande é o esforço que ele representa para as nossas originalidades”.

Até o final do século XIX e início do XX, portanto, a lista de altares erguidos em louvor de Platão é bem maior do que a de acusações.

Já no século XX a situação que se configura, principalmente a partir dos anos 30, é razoavelmente diferente da dos séculos anteriores. As críticas a Platão não são, em primeiro lugar, esporádicas, mas constantes e crescentes; tampouco são dirigidas a um ou dois aspectos considerados desagradáveis ou criticáveis em sua personalidade ou em sua filosofia, mas englobam em seus ataques, além da psicologia do próprio Platão, todos os aspectos setorializáveis da filosofia: estético, ético, político, epistemológico.

Além disso, os que aqui se empenham não apenas em criticar, mas sobretudo em difamar Platão, não são tratados como aventureiros, detratores, ou bisbilhoteiros da cultura, mas são, na maioria, pensadores influentes, alguns mais do que outros, mas todos igualmente respeitáveis, cuja palavra o século XX, por uma razão ou outra, já legitimou.

Contudo, também no antiplatonismo deste século, observa-se a recorrência das duas linhagens críticas já mencionadas anteriormente: (a) a que dirige a Platão ataques pessoais, ou à sua filosofia, acusações gratuitas e infundadas; e (b) a que se exprime através de divergências genuínas de opinião.

Em (a) podemos incluir praticamente toda a crítica do antiplatonismo às concepções políticas de Platão, já que, em geral, nesse caso, a hostilidade costuma ser mais evidente do que a própria argumentação; em (b) toda a crítica dirigida à teoria das ideias. Com isso não quero dizer que as concepções políticas de Platão não sejam criticáveis, ou que toda crítica à teoria das ideias seja bem fundamentada, mas,

simplesmente, que essas duas tendências críticas têm sido, respectivamente, comuns nessas áreas da literatura antiplatonista do século XX.

Como representantes de (a), eu citaria, principalmente, John Jay Chapman, Warner Fite, e Karl Popper, os quais exemplificam perfeitamente o tipo de hostilidade a que me referi; de (b) especialmente Martin Heidegger (sob a influência de Nietzsche) e seus discípulos.

Os Detratores do Século XX

No início dos anos 30, John Jay Chapman, num livro que, como disse Levinson, tem um título maior do que ele mesmo: *Lucian, Plato and Greek Morals* (1931), sustenta que os papéis dados pela tradição a Luciano e Platão, respectivamente, deveriam ser invertidos. É Platão, e não Luciano, que deveria ser a partir de agora reconhecido como essencialmente irônico, debochado e moral e logicamente inescrupuloso; e é Luciano, e não Platão, que deveria ser honrado como o puro e ardente reformador moral, cujo intelecto brilhante e *insights* proféticos requerem que lhe concedamos "um lugar privilegiado entre os pensadores da Europa moderna."

Para defender essa tese Chapman usa argumentos no mínimo estranhos. Segundo ele, teria havido, entre os homens cultos e devotos, uma espécie de conspiração para que se passasse a ver Platão como uma autoridade em "Verdade Divina," e que, com a ajuda da teologia cristã e do misticismo, fomos levados a reconhecer nele uma "interpretação hierática" capaz de revelar um significado sagrado.

Essa atitude, entretanto, inibiu toda tentativa de se considerar desde o início, como se deveria, à luz da história, por exemplo, "os significados óbvios" de um documento tal como o *Banquete*, "a mais eficiente justificativa do mal que alguém poderia apontar ou invocar."

Na busca desse método relegado pela história da filosofia, Chapman foi persuadido do "absurdo" daqueles intérpretes idealizadores que imaginam ter descoberto em Platão "o prenúncio dos grandes mistérios do amor cristão, a *fruitio Dei*, e a paixão transfigurada de Dante pela celestial Beatriz."

E Chapman compara os esforços dos *scholars* que tentam manter Platão dentro dos limites da doutrina cristã aos de um *toreador* tentando controlar o touro na arena. E eis a imagem, um tanto bufona, que ele cria em torno de Jowett, imaginando-o ao

confrontar-se com a teoria platônica do eros e tendo que, ao mesmo tempo, fazer de Platão um cristão:

Mr. Jowett, de Oxford, agarra o touro pelo rabo e é arrastado em círculos pela arena à sua volta, algumas vezes agarrando-se a um poste da doutrina cristã que lampeja quando ele passa, outras tentando controlar o touro através de galantes topadas que dá em seus próprios pés contra elevações produzidas pela farsa da classe média.²

Chapman conclui dizendo que o esforço desses toureiros é vão, pois não há como transformar em sublime um diálogo que explora a pederastia "como uma fonte inofensiva de diversão." O objetivo do *Banquete* não é, segundo ele, "esboçar uma filosofia," mas elogiar "uma prática particular," pois a palinódia final de Agatão, em honra do amor, "é uma chamada, não para o pensamento, mas para a ação." Chapman manifesta ainda a sua repugnância com relação ao discurso de Diotima que veste "o tênue disfarce do próprio Platão," e aos outros "caráteres odiosos" todos, como a própria "sala" onde o banquete acontece, "fedendo a drogas."

Como evidência de que Platão não tem seriedade moral, Chapman menciona a sua total inabilidade de apreender o pensamento de Sócrates, este sim, um grande moralista. Baseado em Xenofonte, ele diz que a descrição do Sócrates histórico feita nas *Memorabilia* é honesta, à diferença da dos diálogos, onde Platão faz de Sócrates apenas um fantasma, sem as sólidas dimensões do verdadeiro. Diante das questões morais, Sócrates não recuava; Platão, ao contrário, as evitava, e encobria sua incompetência com brocados brilhantes, porém irrelevantes.

Em 1934, três anos após a aparição do livro de Chapman, Warner Fite publica *The Platonic Legend* com o objetivo de comunicar uma "descoberta": depois de anos lendo Platão à luz da "tradição idealista" Fite decidiu colocar à prova uma impressão que lhe havia sido deixada pela *República*: a de que o esquema educacional proposto por Platão excluía os cidadãos comuns. Fite confirma essa impressão e, na medida em que a compara com a dos "discípulos" de Platão (os quais ele identifica com Dean Inge, Paul Shorey e A. E. Taylor, dentre outros), descobre também motivos para duvidar e suspeitar da "interpretação ortodoxa". O Platão que estava agora diante dos seus olhos não era mais o divino, perfeito e infalível Platão de seus admiradores, mas apenas uma figura de proporções humanas cujo pensamento, além de cercado das inevitáveis limitações, era

² *Apud* Levinson, *ibid.*, p.8.



também distorcido pelo preconceito partidário e por pequenas amarguras pessoais. Platão deveria ser lido "como qualquer outro escritor," para que assim se destruísse "a lenda de Platão" e com ela todas as alegações em nome de sua superlativa grandeza, e isso em qualquer departamento da vida ou do pensamento.

As conclusões de Fite, as quais resumimos abaixo, invertem as qualidades atribuídas a Platão por seus "discípulos":

1. É negado que a *República* contemple o ideal de máxima felicidade e autodesenvolvimento para todos os cidadãos. O sistema aí proposto não oferece, exceto para ínfimas exceções, "uma carreira aberta a talentos." Ele privilegia os interesses de uma classe ociosa, que corresponde a uma minoria de mais ou menos 10% da população, guiada pela sabedoria arrogante e esotérica de uma minoria ainda menor de mais ou menos 1% destes 10, às custas do esforço e do sacrifício de 90% dos cidadãos restantes, desprezados e cinicamente ludibriados. O objetivo de tudo isso não é a plenitude humana de uma existência ricamente cultural, que Atenas, a sua cidade natal, poderia tê-lo ensinado a amar, mas o ideal espartano de um estado rigorosamente organizado, de uma sociedade estratificada em castas, cujos membros são cuidadosamente selecionados por tipos e a qualidade desses tipos cruelmente mantida pelo infanticídio, uma sociedade organizada para a prática de virtudes militares, e provavelmente para a realização de conquistas.

2. É negado que na *República*, ou em qualquer outro diálogo, Platão demonstre uma antecipação do sentido democrático, cristão e kantiano, do valor e da dignidade do indivíduo. Platão não consegue discernir a verdadeira natureza da personalidade e as condições de desenvolvimento de uma genuína liberdade moral. Mesmo os seus reis-filósofos são seres impessoais; a massa de cidadãos é guiada apenas pelo hábito e pelo medo das conseqüências. "O ideal platônico de sociedade... é então uma cidade de crianças," na qual o pequeno número de filósofos iluminados são as "únicas pessoas... que desfrutam de um status adulto". A sugestão de Platão no *Górgias*, de que é melhor sofrer do que fazer a injustiça está apenas superficialmente de acordo com o ideal cristão.

3. Platão está longe de ter antecipado o sentimento moderno nas relações entre os sexos: sua concepção de casamento é viciada pela impessoalidade da reprodução; ele não concebia o casamento como uma associação de respeito mútuo. E, sob esse aspecto, ele está abaixo do padrão do seu próprio tempo.

4. Fite repete e amplia a crítica de Chapman à teoria platônica do eros. Platão aceita e glorifica uma forma refinada de perversão sexual, uma instituição desaprovada pela maioria de seus contemporâneos.

5. É negado que Platão tenha um *insight* profundo acerca dos valores. Platão trabalhou sob a grande ilusão de que seria possível aplicar à vida moral um padrão de precisão métrica que substituísse os *insights* da experiência. Na medida em que tal sistema de medição fosse bem sucedido, ele reduziria a escolha moral a uma espécie de cálculo matemático. Mas o método é inaplicável e a tentativa de Platão de dar a ele um suporte lógico e metafísico, através de um procedimento nunca claramente definido, como a "dialética", termina em obscuridade mística. A concepção platônica de bem social é tão friamente científica, tão intimamente dependente de uma ordem minuciosamente regulada, centralmente dirigida, que, apesar das diferenças, ela se aproxima do rígido sistema soviético. O mesmo ponto-de-vista, aplicado aos valores estéticos, resulta na redução da beleza a um único tipo empobrecido de forma matemática abstrata.

6. É negado que Platão seja o soberano mestre da lógica da argumentação. Ele é constantemente culpado de falácias que os "discípulos" explicam como "brincalhonas" e deliberadas. Mas esse tipo de "brincadeira" é frequentemente um truque desonesto de debatedor. E, mesmo quando ele é mais sério, como na *República*, na passagem da Linha Dividida, nós o encontramos cometendo erros elementares de raciocínio. A conclusão deve ser a de que o seu poder e integridade como argumentador foram excessivamente superestimados.

7. É negado que Platão possuísse um alto grau de sabedoria com relação à economia e à política internacional. Seu desdém pelo comércio é visível em toda a *República*; seu plano de estado ideal não deve ser contaminado, nem mesmo pela consciência teórica de tais coisas. A cidade das *Leis* deve ser implantada longe o suficiente do mar para desencorajar o comércio, do qual a reflexão "não passa do primeiro capítulo." No que diz respeito à política internacional, Platão era também incapaz de ver que a necessidade de seu tempo era por uma federação. Em suma, os ideais políticos de Platão, na *República* ou nas *Leis*, são decididamente limitados.

8. É negado que Platão tenha um lugar entre os grandes mestres da arte. Ele não se sentiria à vontade entre os mais baixos representantes, depois dos trabalhadores braçais, sofistas e tiranos, de sua hierarquia de almas reencarnadas. Algumas conquistas artísticas podem ser creditadas a ele, talvez algumas cenas e metáforas, mas estas são



apenas episódicas. Ele não tem nada que se compare a um *Hamlet* ou a um *D. Quixote*. Muitos dos diálogos, inclusive a *República*, longe de serem obras-primas, carregam as marcas de uma reunião precipitada e descuidada. Platão é, além disso, culpado de incongruências chocantes que danificam seus melhores efeitos literários; testemunham este fato, o anticlímax que sucede o mito da carruagem alada no *Fedro*, e a incongruência radical de introduzir o simples e austero Sócrates no cenário artificial da "alta sociedade" ateniense apresentada no *Banquete*, fazendo-o, além disso, confiar seus pensamentos mais íntimos a um grupo de *dandies* perfumados. A verdade é que a sua arte é muito frequentemente um artifício, uma decoração, ou um método de evasão para a sua ironia.

9. Finalmente, Fite nega que Platão seja significativo como homem ou como moralista prático. Ele "não era absolutamente um homem... seu ponto-de-vista e sua atitude com relação à vida é em grande parte comparável ao que hoje chamamos de "adolescente, para não dizer infantil, e ao que tradicionalmente é chamado de feminino". Platão era um "aristocrata frustrado" que punha a "classe e o partido em primeiro lugar"; quando sua pretensão à liderança pessoal foi rejeitada, ele reagiu com uma indignação injuriada. Esses traços aparecem em maior relevo nas sua indignas aventuras sicilianas para educar o jovem tirano Dioniso. Sobre este, Platão infligiu lições de geometria, alegando que serviriam como fundamento para o sábio exercício do poder real, e demonstrou irritação e ciúme, quando Dioniso, depois de ter rejeitado a sua tutela, revelou pretensões à sabedoria filosófica. Acreditando que de todas as concepções possíveis do bem humano apenas uma pode ser correta, Platão é intolerante com qualquer *insight* que não seja o seu próprio. Seu pessimismo e desconfiança, com relação a seus companheiros, revela sua concepção superficial da motivação humana. "Sua única ideia de moralidade é auto-constrangedora, pois sua imaginação é assombrada por cenas de deboche, inadvertidamente ilustradas". Sua total inabilidade em apreciar as aspirações dos homens comuns, o significado modesto das intimidades de suas vidas diárias, sua concepção exclusivamente intelectual de uma vida espiritual "a ser levada nos termos da lógica e da matemática, em nome de grandes fins impessoais", tudo isso sugere a conclusão de que, "de todos os escritores da antigüidade, longe de ser cristão, ele é o mais característica e explicitamente pagão."

Platão *avant-la-lettre*

Mas isso não é tudo. Pois não seria apenas o interesse de alguns *scholars* individuais que marcaria o antiplatonismo do século XX. O pior estava ainda por vir. Na mesma década de 30, quando o fascismo ameaçava as democracias e a Segunda Grande Guerra estava prestes a estourar, a interpretação de Platão tornou-se um ramo da história econômica, política, e mesmo militar. Não era mais uma minoria que criticava Platão, mas todos os homens lidos passavam agora a entender a *República* como defesa de um padrão de organização política ditatorial. A situação se agrava com a propaganda nazifascista e marxista que, rapidamente, percebe o valor implícito que o nome de Platão teria para a sua causa e produz uma volumosa literatura para demonstrar que a *República* era uma antecipação filosófica de seus principais credos.

Em consequência, os defensores da democracia começaram a se dissociar de Platão que era agora, de fato, considerado um precursor dos sistemas totalitários, não só por aqueles que eram a favor desses sistemas, mas também pelos que eram contra.

Nos anos 40, uma série de textos é produzida com o objetivo de advertir os cidadãos do perigo que o uso da *República* poderia representar nas mãos dos nazistas, fascistas e marxistas.

Em 1944, o filósofo e sociólogo austríaco Otto Neurath, considerando o difícil problema do controle de textos adequados ao uso das escolas alemães, problema este que havia se instaurado durante a guerra, publica, em colaboração com J. A. Lauwerys, sua apreciação das tendências políticas da *República* em dois artigos. A primeira objeção desses autores é o perigoso uso que, conforme eles previam, os educadores nazistas poderiam fazer da *República*. Essa profecia, diziam eles, não era infundada, mas era assegurada por uma experiência anterior, bastante conhecida por todos, durante o período de ascensão do Socialismo Nacional, quando a *República* foi, mais de uma vez, submetida à interpretação "nazificadora."

O aparecimento desses artigos foi seguido de uma longa controvérsia. E dessa controvérsia surgiu, dentre outros, o livro de R. H. Crossman, em 1939, *Plato Today*.³ Na verdade, Crossman não chega a ser um antiplatonista ao estilo de um Chapman ou de um Fite, na medida em que demonstra respeitar o escritor e o pensador Platão, mas

³ Contra Crossman, G.C. Field, "On Misunderstanding Plato", *Philosophy* XIX, 1944; *Id.*, *The Philosophy of Plato*, 1949.



desenvolve algumas teses antiplatonistas, dentre as quais três merecem ser citadas nesse contexto:

1. A estrutura institucional da cidade ideal foi imaginada por Platão com o objetivo de controlar os cidadãos comuns;
2. Platão reivindica poder hereditário para alguns, mas subordinação permanente para outros, donde o seu princípio mais alto não seria outro senão o do preconceito da classe aristocrática;
3. Platão teria sancionado o uso, sempre que conveniente, das armas mais odiosas do arsenal do poder político.

Mas, dentre os ataques difamatórios do período em que se desenvolve o antitotalitarismo, o mais sistemático e detalhado foi, sem dúvida, o de Karl Popper, em seu livro *The Open Society and its Enemies*.

Bem intencionado em seu propósito de defender as "sociedades abertas", Popper consegue, entretanto, fazer uma análise da *República* que, segundo a avaliação quase unânime de seus críticos, é incorreta praticamente do princípio ao fim. Consequentemente, o enorme sucesso de seu livro que, dentre outras, transforma Platão, ao lado de Hegel e de Marx, no fundador e precursor do totalitarismo moderno, chegou a provocar ira e revolta, desde a sua publicação em 1945, em inúmeros platonistas. A estes, como comentou de Vries, que justamente contestaram pontos fundamentais de sua análise, Popper jamais se deu ao trabalho de responder, tampouco se preocupou em alterar, nas várias edições que se seguiram à de 45, os "erros óbvios" que estes críticos, "cumprindo o seu dever," apontaram através de "exemplos impressionantes."

Comparado a Antístenes, pelo mesmo de Vries, (o que, na realidade, de Vries reconhece, Popper deve ter considerado um elogio, e não uma ofensa), Popper retira do contexto trechos da *República* que servem à sua interpretação, sem o menor escrúpulo metodológico, quer dizer, sem absolutamente se preocupar se o seu modo de interpretar falseia ou não a compreensão do próprio Platão.

O resultado é, obviamente, o equívoco. Popper seleciona o que quer para mostrar que Platão recolhe todas as características opostas ao que ele, Popper, considera positivo.

Assim é que Platão aparece em seu livro como o inimigo número um da "sociedade aberta", isto é, uma associação de indivíduos livres que se respeitam mutuamente dentro de um padrão de proteção mútua a qual, por sua vez, é suprida pelo

estado, e que atinge, através de decisões racionais responsáveis, um nível de vida crescentemente humano e esclarecido.

De fato, o que motiva o ataque de Popper a Platão é a sua convicção de que este teria negado e desprezado a mais nobre conquista ateniense, a maior de todas as revoluções: a transição, que, segundo ele supõe, estaria ocorrendo no século V a.C., de uma "sociedade fechada" para uma "sociedade aberta".

Essa transição, testemunhada pelos ideais de Péricles, conforme expostos na famosa Oração Fúnebre, e pelo pensamento de sua "grande geração", da qual faziam parte Heródoto, Tucídides, Protágoras, Górgias, Eurípedes, Aristófanes, Antístenes e Sócrates, envolvia a derrubada de velhas barreiras intelectuais e morais, através de sua crença na razão, na liberdade e na fraternidade.

Sócrates, talvez o maior de todos esses homens, dava à razão um sentido igualitário concebendo-a como um meio de comunicação; exercia a autocrítica; e pregava o individualismo. Platão, ao contrário, usava a nova força moral dessa geração em favor de seu programa oligárquico, e, através de propaganda, proclamava a desigualdade como justiça e colocava o coletivo acima do individual.

Popper diz ainda que, como a crença de Sócrates era por demais poderosa para ser abertamente atacada, Platão, então, reinterpreto Sócrates como adepto da "sociedade fechada" que ele próprio idealizou. Ele sabia que estava usando excessivamente o poder de Sócrates, e seu esforço em fazer com que Sócrates se reinterpretasse era também um modo de salvar a sua má-consciência.

Platão acreditava que toda mudança era um sintoma de decadência e, por esse motivo, idealizou uma cidade sem mudanças, uma "sociedade fechada", tribal, inspirada num estado político aborígine, o qual ele, Platão, acreditava de fato ter existido e ao qual, supunha, era possível ainda retornar.

Essa "sociedade fechada" se caracteriza pela prevalência dos tabus mágicos e ausência de decisões pessoais. Um dos laços que a mantém fechada é a homossexualidade, o que Popper exemplifica citando a passagem do *Banquete* (178e) em que "um exército composto por amantes é glorificado..."

Frente ao espírito revolucionário e iluminado dos que pertenciam à grande geração de Péricles, Platão, ao lado dos que se opunham a esse espírito (o partido dos oligarcas, as classes privilegiadas de Atenas, especialmente aquelas que, tendo perdido o

poder, com o estabelecimento da constituição democrática, queriam recuperá-lo), era um reacionário.

Contrariando o depoimento dos próprios gregos dessa época, Popper insiste que não foram os excessos da democracia, através da retórica de seus demagogos, que levaram Atenas à ruína, mas a deslealdade, a sabotagem, e a traição dos "espartofílicos" oligarcas.

Como estes, Platão era um amante do regime espartano, tanto que não sentia repugnância pelo ideal de eugenia praticado através do infanticídio. Nem o magnetismo de Sócrates teria conseguido desviar Platão da "espartofilia" que lhe foi incutida desde criança na educação.

De fato, de acordo com Popper, a alma de Platão vivia conflituada entre a fé socrática e a crescente traição de seus princípios. E aqui, como se não bastasse, Platão é, além de tudo, psicanalisado. "Não é absolutamente difícil ler nas entrelinhas", diz Popper, o quanto a alma de Platão era dilacerada. A sua obra testemunha essa dilaceração: a sua teoria da tripartição da alma prova o quanto ele sofria interiormente com essa divisão. E é a despeito dos protestos do melhor eu interior de Platão que "o nobre evangelho socrático" é continuamente degradado, traiçoeiramente pervertido e desonestamente transformado no oposto do que Sócrates pregava e acreditava. Com o seu desprezo por tudo o que era caro a Sócrates, Platão o transforma num adepto de seu cripto-totalitarismo na *República*, atribuindo-lhe um autoritarismo dogmático que blasfema contra a memória deste ser modesto e precavido.

"Popper," como disse de Vries, transformando em crítica o elogio de um comentador cujo nome ele não cita, "queria escrever um grande livro, mas o que ele produziu, foi um sintoma," o sintoma moderno de se deixar tragar pela própria atualidade política.

Seu esforço contra as tendências totalitaristas de seu tempo é, sem dúvida, irreprochável. Mas sua tese, de que Platão é a fonte de todo totalitarismo moderno, demonstra apenas a sua absoluta falta de perspectiva histórica. Projetando os conflitos políticos de sua própria época para a de Platão e reduzindo a filosofia de Platão a interesses político-partidários, ele comete erros crassos de interpretação.

Essa falta de perspectiva histórica é ainda evidente, como mostra de Vries, quando Popper sugerindo que sua interpretação é inteiramente original (uma ideia da qual os seus admiradores, que conhecem Platão menos ainda do que o próprio Popper, compartilham) e que teve apenas alguns poucos predecessores (Crossman, Grote,

Gomperz, e Bowra, os quais aparecem apenas em nota de pé de página e, assim mesmo, na quarta edição de seu livro, como autores que têm "visões semelhantes" à sua), deixa de citar uma longa lista de platonistas do século XIX que, constantemente, referiam-se a Platão como "totalitarista," demonstrando, portanto, *gaps* alarmantes de conhecimento com relação aos escritos de Platão e de seus comentadores.

Mas, como disse de Vries, "quando o diletante se volta contra o especialista, o faz *suo periculo*" e Popper, que poderia ter sido admirado, pela coragem de enfrentar um assunto com o qual não tem nenhuma familiaridade, e, eventualmente, louvado, por ter trazido as ideias frequentemente mais frescas e mais férteis do não-especialista, acaba se expondo a situações academicamente constrangedoras.

A Polêmica Filosófica em torno das Ideias

Bem mais rica e interessante do que a polêmica política foi aquela que se travou em torno das ideias. Nesta, uma grande hostilidade também é dirigida a Platão, mas esta hostilidade não se sobressai mais do que os argumentos que, de fato, trazem à discussão pontos decisivos da filosofia platônica.

Ao contrário do que comumente acontece na querela política, a polêmica filosófica não se vale de argumentos moralistas, mesmo quando o alvo a ser atingido é a própria psicologia de Platão.

Como mostrou Victor Goldschmidt, em seu ensaio *Les querelles sur le Platonisme*, o que fundamentalmente parece incomodar e provocar a polêmica contemporânea em torno das ideias platônicas (talvez porque seja esse o principal obstáculo que impede o acesso aos diálogos platônicos) é a teoria dos dois mundos.

Habitualmente entendida como formulando uma oposição dogmática entre o mundo sensível (isto é, o nosso mundo) e o mundo das ideias (isto é, um outro mundo), e desvalorizando, além disso, um em favor do outro, é a esta teoria, e às influências nefastas que ela exerce ainda hoje sobre nosso pensamento, que devemos nos opor, denunciando-a na medida do possível.

Condena-se, por um lado, uma topografia dualista, na qual se supõe que os princípios envolvidos sejam antagônicos e irreduzíveis, por outro, a desvalorização do pólo que nessa topografia representa para nós o autêntico, o real, o concreto, o único



cognoscível, isto é, o sensível, e a concomitante supervalorização do pólo que para nós parece inautêntico, irreal, ilusório e inacessível, isto é, a ideia.

Todas essas condenações, como mostrou Goldschmidt, têm sua origem nas exegeses de Nietzsche e Heidegger, os verdadeiros teóricos do antiplatonismo contemporâneo.